

NA TERRA DO BURRO DA CENTRAL

Após a breve visita a Limeira, seguimos em direção a Campos do Jordão com parada prévia prevista em Taubaté, velho burgo do Vale do Paraíba, terra onde cresceu a cantora Cely Campelo e onde nasceu o quase cancelado escritor Monteiro Lobato das reinações de Narizinho e do Sítio do Pica Pau Amarelo, um homem nascido no Brasil escravocrata do século XIX e analisado com as réguas do XXI, de um Brasil que busca aos trancos e barrancos recuperar sua dívida inegável do passado ante a exclusão e racismo persistente na sociedade brasileira.

Localizada às margens da rodovia Dutra e do rio Paraíba do Sul, Taubaté ocupa uma extensa área da planície e dos banhados do rio, com população de 322 mil habitantes, é um núcleo importante desde os tempos dos bandeiristas e depois do ciclo do café na segunda metade do século XIX. Conserva alguns edifícios históricos, possui diversas manifestações culturais caipiras, como grupos de Moçambique, Folias de Reis e Congadas e um rico acervo da história do país e da cultura caipira. Dos indígenas da região restou o nome *Tabaybaté*, significa "aldeia alta" em tupi, de onde veio o nome da cidade. Em 1876, foi inaugurada a estação ferroviária da cidade da Central do Brasil, ligação entre o Rio de Janeiro e São Paulo, o que deu um impulso ainda maior ao desenvolvimento local ao escoar rapidamente a produção cafeeira para o porto de Santos. A restauração da estação ferroviária ficou excelente, num dos armazéns montaram um café literário e o prédio principal também restaurado aguarda uma destinação definitiva, tudo cheira a novo. O trem ainda passa por lá, mas somente de carga.

Taubaté foi uma das primeiras cidades do país a se industrializar, o que ocorreu com a fundação da Companhia Taubaté Industrial - CTI em 1891, que viria a se tornar uma das principais indústrias do ramo da tecelagem no mundo, atingindo seu ápice na década de 1950. Hoje, seus belos edifícios históricos preservados são ocupados em parte pela UNITAU e pela Prefeitura, congênere da FACEF, é uma grande universidade municipal. Visitamos a faculdade de arquitetura, onde lecionou até aposentar meu amigo e colega de curso Túlio Naves. Duas surpresas, fomos ciceroneados pelo Vinicius Barros, coordenador do curso e ex-aluno do Túlio e, quando passamos por uma das salas, numa feliz coincidência lá estava o professor Ademir Pereira dos Santos, que havia recepcionado Atalie na exposição da Belas Artes e autor de um importante livro que mostra a arquitetura industrial do Vale. O prédio da arquitetura é um belo exemplo de recuperação de uma estrutura industrial para outro uso, com espaços e ambientes adequados aos estudos e à convivência. Na praça defronte a UNITAU brilha o imponente relógio da CTI, conservado e utilizado por uma repartição da prefeitura. Aliás, a sede da prefeitura e um dos campus da UNITAU ocupa, para nossa inveja, um antigo colégio de freiras, mas ao contrário do francano, está em excelentes condições de preservação. Diferente também da FACEF francana que preferiu se concentrar num único local e construir prédios novos, a UNITAU se esparramou pela cidade, dinamizando várias regiões da cidade e aproveitando antigas construções, dando-lhes novos usos.

Andamos bastante pelo centro antigo da cidade, fomos à imponente catedral, o teatro, calçadões, uma das instalações e escritórios da extinta CTI foi ocupada pela Prefeitura, em estilo art-déco. Isolada em meio ao burburinho do centro ocupado por grandes lojas populares de departamentos, sobrevive a pequena Capela de Nossa Senhora do Pilar, iniciada em 1725 e inaugurada em 1747. Uma coisa que descobrimos ao acaso na caminhada e nos atraiu pela beleza foi o espaço para exposições de arte da Prefeitura, a Vila Aleixo, um maravilhoso casarão antigo restaurado que conta com áreas externas para contemplação e descanso. Perto dele, o contraste: uma das mais antigas igrejas do interior paulista, a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos erguida entre 1700 e 1705, permanece interditada há mais de quinze anos.

De uma certa maneira, a cidade me lembrou a Mogi das Cruzes onde morei no início dos anos 1970, assim como Jacareí, todas antigas cidades dos tempos coloniais, com neblina e frio, ruas estreitas com casarões e velhas igrejas. Não houve tempo para conhecer o estádio do Taubaté Futebol Clube, o famoso “Burro da Central” como é conhecido pela torcida, originado em episódio curioso em 1947, quando o Taubaté venceu o Comercial de Ribeirão Preto e escalou um jogador de forma irregular, perdendo os pontos no tapetão. A imprensa zombou da falha administrativa com um burro e a partir daí a torcida resolveu incorporar o termo junto ao nome da ferrovia que passava pela cidade, virou o “Burro da Central” até hoje. Não tivemos tempo para visitar Quiririm, famoso distrito da cidade com tradições italianas que concentra gastronomia, história e tranquilidade, com cantinas que celebram o país dos meus ancestrais maternos, tínhamos que subir a serra da Mantiqueira rumo a Campos do Jordão.

Mauro Ferreira é arquiteto